

# **Trabalhar conceitos como um exercício de transgressão: acontecimento e acontecimentalizar**

Working with concepts as a transgression exercise: event and eventualize  
Trabajar conceptos como ejercicio de transgresión: acontecimiento y acontecimentalizar

**Anita Guazzelli Bernardes**

Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, Brasil.

---

## **Resumo**

O artigo tem como temática o modo como se trabalha com o conceito em uma pesquisa. Para tanto, apoia-se em uma perspectiva pós-estruturalista da Psicologia Social. Parte da discussão sobre o esgotamento do conceito, tomando como analisadores o conceito de governamentalidade foucaultiano e a perspectiva revolucionária que se apresenta neste exercício. A partir disso, propõe-se uma reflexão na qual se opera com o conceito como um acontecimento e um método de acontecimentalizar. Neste sentido, o conceito passa a constituir-se como um plano de bifurcação: é tanto aquilo que provoca um pensamento quanto um traçado possível deste pensamento, considerando-se, assim, um exercício transgressor.

**Palavras-chave:** Conceito. Acontecimento. Acontecimentalizar. Transgressão.

## **Abstract**

This article addresses the way that concepts are used in research. For that, we base ourselves on a post-structuralist perspective from Social Psychology. It discusses the exhaustion of the concept by taking both the concept of Foucaultian governmentality and the revolutionary perspective presented in this exercise. It proposes a reflection in which the concept is regarded as an event and as an eventualizing method. In this sense, the concept is constituted as a bifurcation: it is both what causes a thought, and a possible tracing of this thought, thus being considered as a transgression exercise.

**Keywords:** Concept. Event. Eventualizing. Transgression.

## Resumen

El artículo tiene como temática el modo como se trabaja con el concepto en una investigación. Para ello, nos apoyamos en una perspectiva pos-estructuralista de la Psicología Social. Parte de la discusión sobre el agotamiento del concepto, tomando como analizadores el concepto foucaultiano de gubernalidad y la perspectiva revolucionaria que se presenta en este ejercicio. A partir de ello, se propone una reflexión en la cual se opera con el concepto como acontecimiento y método para concretizar el acontecimiento. En este sentido, el concepto pasa a constituirse como un plano de bifurcación: es tanto aquello que provoca el pensamiento, como el recorrido posible de este pensamiento, siendo considerado, así, un ejercicio transgresor.

**Palabras clave:** Concepto. Acontecimiento. Concretizar el Acontecimiento. Transgresión.

## Introdução

*Não há conceitos simples. Todo conceito tem componentes, e se define por eles.* (Deleuze & Guattari, 1992).

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os modos de operar com o conceito nas pesquisas, partindo do campo de análise da Psicologia Social. Trabalhar os conceitos nos relatórios de pesquisa apresenta-se como um desafio, porque podemos cair em algumas armadilhas que acabam por encerrar nossos objetos e não por torná-los um problema. Como escrevem Deleuze e Guattari (1992), conceitos não são simples, apresentam contornos irregulares, fragmentários, e remetem a problemas. Os conceitos, nesse sentido, seguem uma conformação que podemos pensar a partir das palavras de Manuel de Barros

(2007, p. 31): “O chão reproduz do mar... o chão reproduz para o mar... o chão reproduz com o mar”. Os conceitos reproduzem do objeto, os conceitos reproduzem para o objeto, os conceitos reproduzem com o objeto: superfícies irregulares e fragmentárias.

Isso justifica a importância, em uma pesquisa, de um trabalho sobre o conceito tanto quanto sobre o objeto. O trabalho com o conceito é uma relação da dimensão do sensível, do tátil, do olfativo, como figuras para um pensamento. Desse modo, a razão não é o essencial do pensamento; o essencial do pensamento é o jogo, é a agonística, é o encontro de multiplicidades. E o conceito é um ato de pensamento, um ato agonístico e também de encontro, não a razão de um pensamento. Como ato, transita em um espaço aberto, provisório, de superfícies que se encontram. Os

encontros são derivados das modificações que o conceito provoca no próprio pensamento, modificações de problema para que outro conceito apareça e outro pensamento seja possível – “se um conceito é melhor que o precedente, é porque ele faz ouvir novas variações e ressonâncias desconhecidas, opera recortes insólitos, suscita um acontecimento que nos sobrevoa” (Deleuze & Guattari, 1992, p. 41).

Este texto é organizado pela discussão inicial sobre o esgotamento do conceito, tomando como analisadores o conceito de governamentalidade foucaultiano e a perspectiva revolucionária que se apresenta nesse exercício. A partir disso, propõe-se uma reflexão na qual se opera com o conceito como um acontecimento e um método de acontecimentalizar. Nesse sentido, o conceito passa a constituir-se como um plano de bifurcação: é tanto aquilo que provoca um pensamento quanto um traçado possível desse pensamento, considerando-se, assim, um exercício transgressor. Portanto, o conceito é um acontecimento no percurso de uma pesquisa e um método de acontecimentalizar a própria pesquisa.

### **Uma problemática**

A problemática do conceito encontra-se na fragilidade da zona fronteira entre utilização/aplicação e operador/ferramenta. Como elemento a ser apli-

cado, o conceito acaba por encerrar um objeto de pesquisa, à medida que delimita o campo do objeto, o lugar onde este circula. Desse modo, o conceito serve para nomear o objeto, para aplicar-se a um objeto, ou seja, estabelece uma analítica da verdade: o objeto é aquilo que o conceito define que ele é. Atribuímos, assim, uma força ao conceito no sentido da representação do objeto. Nikolas Rose, em entrevista a Mary Jane Spink (Spink, 2010), fala de como estava um pouco cansado e desinteressado nas pesquisas que utilizavam o conceito de governamentalidade de Foucault. O cansaço residia na repetição do mesmo, isto é, pegamos o conceito de Foucault e passamos a utilizá-lo exaustivamente em nossas pesquisas, comprovando a aplicação do conceito a diferentes superfícies de contato. Nesse caso, não pensamos com Foucault, aplicamos Foucault.

Isso parece óbvio, mas acabamos estabelecendo uma metanarrativa do conceito, ou seja, o mesmo conceito serve para explicar tudo. Armadilha e escassez de inspiração. Armadilha porque operamos como revolucionários, apontando, como no exemplo supracitado, as sutilezas da governamentalidade em todos os recônditos da vida contemporânea. Não pensamos com a governamentalidade, apontamos a expressão da governamentalidade. Dessa forma, um pensamento faz-se pela representação do objeto pelo conceito. O con-

ceito aparece como o nomeador do objeto. Estabelecemos uma relação de autoexplicação do próprio objeto pelo conceito: as relações que encontramos na atualidade são todas elas manifestações das formas de governamentalidade. Nossas pesquisas acabam por confirmar a própria governamentalidade!

Nesse caso, um acontecimento não assume a condição de singularidade e irregularidade. Pela aplicação do conceito, o acontecimento une-se a uma sucessão de acontecimentos que acabam por formar uma mesma espécie, por exemplo, o jogo é mostrar como tudo que transcorre a partir do século XVIII é governamentalidade. Tornamos a governamentalidade uma evidência, um a priori. A aplicação do conceito assume uma condição de um estudo lexical dos sentidos do objeto a ponto de prescindir do próprio objeto – junção/disjunção: antes do século XVIII, era poder soberano; depois, é governamentalidade. São eventos que se sucedem e acabam por criar uma totalidade a partir da aplicação do conceito.

Por outro lado, se tomarmos o conceito como ferramenta, como um operador, ele não se presta a designar o objeto, mas a construir um rastro de um pensamento possível. O conceito assume a condição de uma máquina; como escrito antes, ele não basta a si mesmo, tem componentes e define-se por eles. O conceito torna-se, nesse

sentido, uma potência de provocação: assim como circunscreve um olhar, provoca a olhar. Estabelece um jogo/combate que permite a formulação de interrogações, e não de comprovações. No exemplo acima, não se trata de identificar a governamentalidade, mas como a Governamentalidade agencia um pensamento a pensar diferente do que se pensa.

Isso porque o conceito de governamentalidade, operador fundamental das aulas de Foucault da década de 1970, é uma formulação de um pensamento inquieto. Foucault não aplica o conceito de poder; ele forja um conceito-problema a partir de um objeto – o limiar da modernidade –, e ambos caminham juntos, há quase uma indiscernibilidade, não no sentido de subsumir objeto ao conceito, mas no de que o conceito só se tornou possível na relação com o objeto. O conceito de poder vai, então, sofrer variações, ou seja, conectar-se, desligar-se, avizinhar-se de distintos elementos: da relação poder-saber, vai-se ao cuidado de si. Não se trata de um estudo lexical dos diferentes sentidos do poder em Foucault – aquele de *Vigiar e punir* (1987) até o de *A coragem da verdade* (2011), mas do modo como, no encontro do conceito com outros elementos, o próprio conceito se modifica, se torna irregular. Modifica-se o campo, modifica-se o conceito.

Desse modo, o conceito, por exemplo, de poder, é tanto uma derivada de um

problema no pensamento foucaultiano – o limiar da modernidade – quanto aquilo que permite ao autor um movimento centrífugo: da forma como a verdade recai sobre o sujeito ao modo como o sujeito se relaciona com a verdade. O conceito de poder é transitivo, tem uma história: de uma tecnologia de docilização de corpos, para uma tecnologia de constituição de si como um sujeito moral, portanto, de um mecanismo de sujeição, torna-se um mecanismo de constituição de uma substância ética, da vida como uma obra de arte. O conceito é uma fronteira histórica, e não natural. E a história não é apenas daquilo sobre o que pesquisamos – nossos objetos têm uma história, mas o nosso pensamento, em uma trajetória de pesquisa, também tem uma história: pensar com o conceito.

Quando aplicamos conceitos, ou seja, quando somos revolucionários porque, pelas nossas pesquisas, denunciemos o mundo que habitamos, chega-se àquilo que Deleuze (2010) discute como estética do esgotado. No esgotado, “está-se em atividade, mas para nada” (Deleuze, 2010, p. 69) – aquela figura frequente quando estamos produzindo uma pesquisa em que nos sentamos à mesa e ficamos à espera, “cabeça esvaziada em mãos prisioneiras” (Deleuze, 2010, p. 73). A espera é por uma possibilidade de esgotar uma combinatória entre palavras e objetos ou, neste caso,

entre conceitos e objetos. É, segundo o autor:

a ambição de esgotar o possível com palavras, é preciso que ela constitua uma metalinguagem [...] que, desde então, as palavras não mais remetam o possível a uma realização, mas deem ao possível uma realidade que lhe seja própria, precisamente esgotável. (Deleuze, 2010, p. 75).

Nessa forma de operar com os conceitos, revolucionariamente porque somos herdeiros de autores e levantamos suas bandeiras de luta, acabamos por fazer justamente aquilo que esses autores justamente criticaram em relação ao pensamento moderno: estabelecer uma estrutura a priori. Ao aplicarem-se conceitos, as palavras são esgotadas e fluxos são interrompidos. Aí reside a sensação de que habitamos o território do mesmo, pois esgotamos o conceito e impedimos o possível de uma realização. A pesquisa, dessa forma, retorna a uma dimensão moderna, por isso revolucionária, de comprovação de realidade, comprovação de conceitos.

Por outro lado, podemos, em razão desses mesmos autores que nos inspiram, nos afetam, mas, sobretudo, nos provocam, seguir rastros de transgressão. A herança que nos deixam é tanto da condição de experimentação quanto da transgressão, da contestação que não se refere apenas à compreensão do mundo de outros modos,

mas à invenção do mundo pela experimentação de conceitos. A pesquisa, assim, torna-se um laboratório de experiências estéticas e políticas, porque envolve ações, exercícios voltados para o possível, e não para o esgotamento do possível.

### **Conceito e acontecimento**

Tomar o conceito como acontecimento é voltar-se para essa dimensão do possível, ou seja, o que é possível fazer com o conceito em nossas pesquisas. Como acontecimento, o conceito é aquilo que torna possível um jogo de forças, ou seja, possibilita que pesquisa e objeto entrem em correlação. O conceito, nesse sentido, é um problema, invenção de problema, à medida que permite o estabelecimento de relações. Estabelecer relações não é definir o conceito para explicar o objeto, mas traçar linhas de composição mediante a qual o objeto se torna visível e enunciável. Como linha, o conceito compõe-se em um jogo de forças fragmentárias e descontínuas, pois não se trata de uma grade de inteligibilidade na qual o objeto será capturado. Pelo contrário, se tomarmos o conceito como um acontecimento, o objeto escapará, escorrerá como evidência. Do jogo de transformação da evidência em um problema, reside a potência de um conceito, reside o possível da provocação ao pensamento pensar diferente do que se pensa. O

conceito produz, nesse sentido, um movimento único e agudo no pensamento. O conceito abre um espaço de um pensamento possível. Assim sendo: 1) o conceito permite estabelecer relações; 2) estabelecer relações é traçar linhas de composição; 3) e o conceito é uma linha composta por um jogo de forças.

Produz um movimento único e agudo, à medida que se afasta de uma dimensão de referência a um objeto – “trata-se muito mais de um trânsito ao exterior” (Foucault, 1990, p. 14). Como acontecimento, o conceito permite estabelecer conexões inusitadas, irregularidades. O conceito é um jogo de relações: genealogia do conceito e genealogia do objeto. Isso não significa que, em um relatório de pesquisa, se deva fazer a história do conceito, tampouco a história do objeto. O conceito como acontecimento é uma experiência do limite, limite do que se pensava conhecer e de como se conhece.

Por genealogia do conceito, entende-se o procedimento de considerar em uma pesquisa as relações do conceito com certa forma de pensar, as relações do conceito com outros conceitos, mas, sobretudo, as relações do conceito com o objeto-problema. Esses planos que se constituem não objetivam uma teologia, uma finalidade, tampouco a unidade conceito-objeto, de maneira a torná-los autoexplicativos. A genealogia do conceito é um traçado das

condições em que o conceito torna possível um objeto aparecer como um problema, ou seja, trata-se de um dos exercícios de uma ontologia do presente, de condições para pensar a atualidade. A pergunta que se faz, nesse sentido, é de que modo um conceito permitiu certo exercício de pensar e uma relação anacrônica com um objeto. Por isso, não uma analítica da verdade, e sim uma ontologia do presente. Acontecimento e atualidade fazem do conceito um operador, uma máquina viva de centrifugação. A centrifugação leva a relações periféricas, a outros planos de composição que permitem perscrutar irregularidades. As irregularidades do acontecimento e da nossa atualidade ganham espessura quando o conceito cria zonas de vizinhança com outros conceitos, com outras sensibilidades, com outras materialidades. A condição para tal encontra-se naquilo que Foucault (2009) responde quando lhe perguntam sobre o motivo que o impulsionou a pesquisar certos objetos:

É a curiosidade [...]: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p. 15).

Por genealogia do objeto na pesquisa, independentemente de tomar-se a gene-

alogia como um procedimento metodológico da própria pesquisa, trata-se de percorrer com o objeto suas condições para aparecer como tal na pesquisa. A genealogia apresenta o caráter de uma crítica local, não centralizada, pois não exige um regime comum, ou seja, a validação de um discurso científico. Portanto, ao constituir-se uma genealogia do objeto, pontilha-se um percurso que é em si anticientífico, à medida que se trata “de uma insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico” (Foucault, 1999, p. 14). A genealogia do objeto é um modo de construção do objeto de pesquisa a partir de suas condições de visibilidade e enunciabilidade e também dos descaminhos daquele que conhece.

A genealogia do objeto seria a conformação do plano de superfície de contato do objeto com a própria pesquisa, portanto, também o modo como um objeto entra em jogo com um pensamento, ou seja, o objeto como questão. Nessa genealogia do objeto, trata-se de tracejar a relação do objeto com o conceito, considerando sua condição de atualidade. A atualidade do objeto é quando o colocamos em uma relação anacrônica com o conceito, de forma a considerar a repetição, a diferença e o limite do próprio objeto. Relação anacrônica é o que permite situar por que um objeto se torna um pro-

blema. Desse modo, colocar em relação objeto e conceito é tornar possível a formulação de um problema, ou seja, singularizar um acontecimento.

### **Conceito e acontecimentalização**

Singularizar um acontecimento se faz por um procedimento de acontecimentalização. Acontecimentalizar é uma ação que, segundo Foucault (2003), faz surgir uma singularidade. Trata-se de uma função teórico-política, uma vez que rompe com as evidências que apoiam o objeto no conceito. Desse modo, acontecimentalizar é um método em que se intentam rupturas. Assim, é possível considerar que acontecimentalizar um conceito é um procedimento para o próprio pensar.

Ao colocar-se que a acontecimentalização está como um procedimento para o pensamento, invoca-se a perspectiva de que acontecimentalizar não é uma faculdade de um pensamento, mas uma estratégia que provoca o pensamento – é um trânsito ao exterior. Trânsito ao exterior porque fragmenta a ideia da interioridade de um conceito no pensamento. Desse modo, acontecimentalizar é criar uma tormenta no pensamento e, portanto, no próprio conceito; é retirá-lo de uma condição de estabilidade. Acontecimentalizar é considerar que as relações entre conceito e objeto não são

tão evidentes quanto parecem e significa um exercício de experimentação conceitual.

Acontecimentalizar é produzir novas possibilidades de arranjos conceituais, em que um conceito vai se apoiar, se conectar, mas, ao mesmo tempo, sofrer bloqueios nas relações que se estabelecem com outros conceitos e objetos. Acontecimentalizar o conceito é permitir ao pensamento relações de inteligibilidade externa, ou seja, o conceito não pode bastar a si mesmo, um conceito serve para construir outras relações possíveis. Portanto, acontecimentalizar não é aclimatar o conceito, é decompô-lo de modo que permita ver variações múltiplas e composições inéditas. Aqui reside a potência das irregularidades. A acontecimentalização permite, tanto ao conceito quanto ao objeto, escapar do signo da unidade.

Escapar ao signo da unidade é exercitar o conceito, retirando-o de uma dimensão utópica, em que um determinado conceito serve para explicar tudo e acaba por tornar-se uma estrutura. O conceito produz efeitos de realidade e deve ser considerado como tal, para que se possa fazer ver o próprio limite do próprio conceito. O limite do conceito é até onde ele nos leva, não para comprová-lo, mas para decompô-lo internamente porque produz efeitos, ao mesmo tempo em que é um efeito.

Acontecimentalizar um conceito é fazê-lo entrar no jogo das relações, para que o conceito não seja tomado como metanarrativo tampouco metafísico, é aquilo que, na relação agonística com o objeto, permite uma ontologia do presente. Desse modo, acontecimentalizar é tecer novas ontologias com o próprio conceito, de modo que não se trata do que o conceito significa, mas do que torna possível produzir. Nas palavras de Foucault (1990, p. 47), “para que todas as existências se desordemem e que a morte inaugure um reino que já não é aquele, classificante, do estado civil, senão o desordenado, contagioso, anônimo, da epidemia”.

Acontecimentalizar é não esgotar o conceito no exercício de um pensamento, é permitir a não estabilização, portanto, acontecimentalizar torna-se uma epidemia no pensamento. Nesse sentido, acontecimentalizar permite uma problematização (este termo também tem sido esgotado) como trabalho de pensamento. O trabalho de pensamento constitui o próprio pensamento, assim como a epidemia que afeta um corpo, que provoca modificações na organização desse corpo, na forma como o corpo é experimentado, no modo como se movimenta, como se expressa, tornando-se incerto, perdendo sua familiaridade.

O trabalho de pensamento refere-se ao pressentimento de um perigo naquilo que é habitual e sólido, e não ao que habita

secretamente a existência (Foucault, 2004). O trabalho de pensamento diz respeito a um exercício estético, porque se trata de uma possibilidade de encontros com outras sensibilidades, e também a uma circunstância de desterritorialização, ou “de profissão encantador de palavras” (Barros, 2007, p. 31). Desse modo, o conceito deve tornar-se uma ferramenta de trabalho de pensamento que permite aquilo que Deleuze e Guattari (2002) consideram como uma literatura menor. Acontecimentalizar um conceito ou encantar palavras é o exercício de uma literatura menor, ou seja, “a língua que uma minoria constrói numa língua maior”.

Por uma língua menor entende-se a possibilidade de exprimir, de forjar outros meios para o próprio conceito que permitam fazê-lo vibrar em intensidades, e não em léxicos de significação. O conceito deve tornar-se, então, a própria circunstância de desterritorialização, de marginalização, de periferia, porque acontecimentaliza. Acontecimentalizar o conceito, a partir de um trabalho de pensamento, não reside em um exercício revolucionário, mas transgressor. A transgressão é um princípio de contestação que devemos estabelecer com as nossas próprias pesquisas e com os modos de operar com os conceitos:

não se trata aí de uma negação generalizada, mas de uma afirmação que não afirma

nada: em plena ruptura de transitividade. A contestação não é o esforço do pensamento para negar existências e valores, é o gesto que reconduz cada um deles aos seus limites, e por aí ao Limite no qual se cumpre a decisão ontológica: contestar é ir até o núcleo vazio no qual o ser atinge seu limite e no qual o limite define o ser. (Foucault, 2009a, p. 34).

### Retomar linhas

A transgressão na construção de uma tese implica, diferentemente da espera do esgotado, a espera daquilo que o tempo pode trazer, não apenas para acolher, como também para fraturar o próprio tempo; não se trata de uma espera passiva de algo para conectar-se, mas de uma espera pelo acontecimento. A espera pelo acontecimento é transgressora porque exige uma sensibilidade aberta e desobediente. A desobediência, como ato transgressivo, é a torção que o acontecimento permite nas nossas fidelidades teóricas. Para Foucault (2014), em carta pela morte de Clavel, é importante que haja no pensamento mudanças de respiração, exercício elementar para diferir. A transgressão, a partir da forma como operamos com o conceito, é uma mudança de respiração, uma sublevação:

a revolução se organiza segundo toda uma economia interior ao tempo: condições, promessas, necessidades; ela reside, então, na história, aí faz sua cama e,

finalmente, se deita nela. A sublevação, ela cortando o tempo, erige homens na vertical de sua terra e de sua humanidade. (Foucault, 2014, p. 110).

Pensar o conceito nessa linha de variações que circulam da aplicação ao acontecimento pode ser retomado apoiando-se em alguns conceitos. Quando Foucault (1987, 2011) escreve sobre o poder e perseguimos suas modificações ao longo das pesquisas que desenvolve, desde *Vigiar e punir* até a *Coragem da verdade*, temos alguns rastros de certo exercício de pensamento. Um exercício de pensamento ou um trabalho de pensamento que nos permite uma inflexão com o próprio conceito de poder, sobretudo, uma fratura no próprio pensamento.

Se o perscrutamos na obra do autor como aquilo que vai do governo do outro ao governo de si, que vai do modo como a verdade recai sobre o sujeito ao modo como o sujeito se relaciona com a verdade, podemos exercitar o conceito sem esgotá-lo. Sem esgotá-lo é inflexionar o conceito, ou seja, criar uma dobra que permite ao pensamento pensar diferente, e isso de imediato nos lança ao próprio ato de pesquisar. Pela dobra é possível que o próprio conceito permita que se considere como ele, enquanto uma verdade, recai sobre nós e sobre nossos objetos, mas, se nos afastarmos da necessidade de esgotar o concei-

to, também permite uma relação com ele, ou seja, torná-lo uma substância ética, porque se trata de um valor, e elaborar uma ascese, um trabalho permanente sobre si mesmo no jogo com a verdade. Desse modo, o conceito acontecimentaliza no próprio pensamento porque permite a vibração, porque permite sua própria experimentação, porque permite “viver o tempo de maneira diferente” (Foucault, 2014, p. 110).

Transgredir, a partir da acontecimentalização do conceito, traz a ideia de experiência-limite, aquela que nos impede de sermos nós mesmos, por um exercício, por uma ascese. A transgressão não é em si mesma um elemento teórico, mas uma atitude que concerne ao limite, e não a uma totalidade. A acontecimentalização do conceito, como atitude transgressora, é exercer na realidade uma atividade. A inflexão do conceito sobre o próprio ato de pensar, nessa linha de reflexão, é uma afirmação do limite como ilimitado, ou seja, do possível, e não do esgotado: “Ora, trabalhar é tentar pensar uma coisa diferente do que se pensava antes” (Foucault, 2004, p. 240).

## Referências

Barros, M. (2007). *Gramática expositiva do chão*. Rio de Janeiro: Record.

Deleuze, G. (2010). *Sobre o teatro: um manifesto de menos; o esgotado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1992). *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

\_\_\_\_\_. (2002). *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvin.

Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_. (1999). *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (2003). *Ditos & escritos IV: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. (2004). *Ditos & escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. (2009). *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. São Paulo: Graal.

\_\_\_\_\_. (2009a). *Ditos & escritos III: estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. (2014). *Ditos & escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. (1990). *O pensamento do exterior*. São Paulo: Princípio.

\_\_\_\_\_. (2011). *A coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes.

Spink, M. J. P. (2010). Cérebro, self e sociedade: uma conversa com Nikolas Rose. *Physis*, 20, 301-324.

---

**Anita Guazzelli Bernardes:** Psicóloga e doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pesquisadora do CNPq com Bolsa Produtividade em Pesquisa 2 e docente e pesquisadora do Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco.

**E-mail:** [anitabernardes1909@gmail.com](mailto:anitabernardes1909@gmail.com)

---

**Enviado em:** 21/10/2014 – **Aceito em:** 11/11/2014

---